



A HISTÓRIA ORAL: UMA METODOLOGIA DE PESQUISA QUALITATIVA

ORAL HISTORY: A METHODOLOGY OF QUALITATIVE RESEARCH

HISTORIA ORAL: UNA METODOLOGÍA DE INVESTIGACIÓN CUALITATIVA

Anny Carolina de Oliveira, Guilherme Saramago de Oliveira, Avani Maria de Campos Corrêa

Palavras-chave
História Oral.
Pesquisa
Qualitativa.
Metodologia de
Pesquisa.
Narrativa.
Fonte Oral.

Resumo: A fim de planejar e nortear seus estudos no campo de abordagem da pesquisa qualitativa, pesquisadores das diversas áreas do conhecimento possuem uma variedade de metodologias que podem ser utilizadas em suas investigações. Este artigo discorre especificamente sobre a metodologia de pesquisa qualitativa intitulada como História Oral, a fim de realizar um breve levantamento sobre seu percurso histórico, desde seus primeiros registros até sua chegada e ampliação da técnica no Brasil, além de conceituar esta metodologia levando-se em consideração as suas modalidades existentes e suas respectivas particularidades. Por fim, pretende-se apresentar alguns apontamentos pertinentes sobre as etapas da metodologia de História Oral e fazer um breve relato sobre considerações dos desafios da História Oral na plenitude do século XXI.

Keywords
Oral History.
Qualitative
Research.
Research
Methodology.
Narrative. Oral
Source.

Abstract: In order to plan and guide their studies in the field of qualitative research approach, researchers from different areas of knowledge have a variety of methodologies that can be used in their investigations. This article specifically discusses the qualitative research methodology entitled Oral History, in order to carry out a brief survey of its historical trajectory, from its first records to its arrival and expansion of the technique in Brazil, in addition to conceptualizing this methodology taking into account considering their existing modalities and their respective particularities. Finally, it is intended to present some pertinent notes on the stages of the methodology of Oral History and make a brief report on considerations of the challenges of Oral History in the fullness of the 21st century.

Palabras clave
Historia oral.
Investigación
cualitativa.
Metodología de
investigación.
Narrativa.
Fuente oral.

Resumen: Para planificar y orientar sus estudios en el campo del enfoque de la investigación cualitativa, los investigadores de diferentes áreas del conocimiento cuentan con una variedad de metodologías que pueden ser utilizadas en sus investigaciones. Este artículo discute específicamente la metodología de investigación cualitativa titulada Historia Oral, con el fin de realizar un breve recorrido de su trayectoria histórica, desde sus primeros registros hasta su llegada y expansión de la técnica en Brasil, además de conceptualizar esta metodología tomando en cuenta la consideración de sus modalidades existentes y sus respectivas particularidades. Finalmente, se pretende presentar algunas notas pertinentes sobre las etapas de la metodología de la Historia Oral y realizar un breve informe sobre consideraciones sobre los desafíos de la Historia Oral en la plenitud del siglo XXI.

* Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia

Recebido em: 21-02-2021
Aprovado em: 04-07-2021
Publicado em: 27-12-2021



Ideias iniciais

A existência (ou não) da dicotomia entre a pesquisa quantitativa e a pesquisa qualitativa tem sido foco de muitos estudos e discussões ao longo das últimas décadas por pesquisadores do tema. Diferentes argumentos são utilizados de forma a comparar tais métodos como se fossem termos e práticas totalmente opostas entre si, quando na verdade, possuem utilizações para diferentes contextos em que se vai desenvolver a pesquisa. Sobre esta discussão de oposição entre os dois métodos de pesquisa, Flick (2004, p. 278) cita Wilson (1982) ao apontar que “[...] as abordagens qualitativas e quantitativas são métodos complementares, em vez de competitivos, e o emprego de um método particular [...] deve basear-se sim, na natureza do problema real de pesquisa que se tem em mãos”.

Partindo-se de tais apontamentos faz-se necessário discorrer de maneira mais aprofundada a respeito das duas metodologias de pesquisa em questão. Entende-se por metodologia como sendo o caminho do pensamento e a prática exercida na abordagem da realidade (MINAYO, 2009). Dessa forma, a metodologia não é algo pontual, único, mas refere-se a um conjunto de pontos que necessitam de delineamento por parte do pesquisador, como a teoria da abordagem, os instrumentos utilizados para operacionalizar o conhecimento, além ainda da experiência do indivíduo que encaminhará a realização da pesquisa. Mas, de forma direta, o que seria entendido por pesquisa? De acordo ainda com Minayo (2009) pesquisa é uma ação básica da ciência que se utiliza de indagação e ação, concomitantemente, ou seja, ainda que seja dada como uma prática baseada nos processos teóricos tem como característica relacionar dois outros processos, um mais introspectivo (o pensamento) e um mais extrospectivo (a ação).

Fundamentados por esses pontos, faz-se valer uma diferenciação de que consistem os métodos de pesquisa qualitativos e quantitativos, não a fim de vê-los como opostos, mas sim de compreender as suas vantagens, desvantagens e limitações. Conhecer melhor as características das pesquisas qualitativas e quantitativas auxiliam no processo de escolha por um deles, ou por ambos.

Creswell (2007) em sua obra “Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto”, destina dois capítulos a aprofundar as características desses dois métodos de pesquisa, evidenciando as etapas, a delimitação do problema, instrumentos de coleta de dados e modos de análise.

Ao discorrer sobre a pesquisa quantitativa, o autor a subdivide em duas formas: a pesquisa de levantamento e a pesquisa que tem como cunho um procedimento experimental. A respeito do levantamento, o autor enumera alguns passos para que esta seja realizada, sendo eles: *i*) o projeto de levantamento em si (apresenta ao leitor o objetivo geral e os motivos para a realização da pesquisa); *ii*) a população e a amostra envolvida no estudo; *iii*) a instrumentação (quais são os instrumentos utilizados no desenvolvimento da pesquisa?); *iv*) as variáveis do estudo e *v*) a análise de dados (de que maneira os dados foram/serão analisados?).

Em contrapartida, já sobre o procedimento experimental, Creswell (2007) elenca as etapas de sua realização como *i*) a identificação de quem são os participantes do estudo; *ii*) as variáveis envolvidas; *iii*) os instrumentos e *iv*) os materiais utilizados. Além disso, o autor chama a atenção para o fato de que esse tipo inclui ainda um projeto pré-experimental.

Já a respeito da pesquisa qualitativa, o autor relata a importância do papel do pesquisador e de como ele está diretamente ligado à pesquisa e aos resultados alcançados, uma vez que a metodologia de pesquisa qualitativa reside fortemente na interpretação (e, por isso, na subjetividade) dos processos/sujeitos pesquisados. Segundo o autor, ainda que alguns processos se assemelhem bastante com passos da pesquisa quantitativa, um grande diferencial é a forma como são investigados os problemas, tendo em vista que os procedimentos qualitativos se baseiam em análises de textos e imagens (CRESWELL, 2007).

Os passos da metodologia qualitativa podem ser entendidos como: *i*) o procedimento de coleta de dados (que podem ser observações, entrevistas, análise de documentos ou material de áudio e visual), *ii*) procedimentos de registro de dados (protocolo observacional, de entrevista, notas manuscritas para áudio e vídeo ou documentos), *iii*) processos de análises dos dados que vai além da análise em si, mas envolve também todo o trabalho de preparar o material para que possa ser analisado até chegar na minuciosa etapa de análise em si; *iv*) validação e resultados (que pode ocorrer com a leitura por uma pessoa externa, alheia ao processo de coleta e análise de dados) e, por fim, *v*) a organização de como se dará a discussão desses resultados e, nessa etapa, o autor elenca as características da narrativa qualitativa.

A diferenciação entre alguns pontos desses dois tipos de metodologias de pesquisa são cruciais para o seu entendimento. Se pensarmos a respeito da origem da pesquisa qualitativa em educação, voltaremos à América Latina, por volta da década de 70. Trivínos (1987) faz um percurso cronológico evidenciando o surgimento da pesquisa qualitativa, discutindo seus

amparos sobre os enfoques fenomenológicos e marxistas. É consenso na comunidade científica de que a pesquisa qualitativa foi alicerçada primeiramente no campo da Antropologia, depois utilizada pelos sociólogos e só então, destrinchou no âmbito educacional. Pela antropologia, o método qualitativo ficou conhecido como estudo etnográfico que tinha como fundamento o estudo, conhecimento e imersão em diferentes culturas.

A esse respeito, o autor pontua a importância de que “[...] entender a etnografia como o ‘estudo da cultura’ desenvolve para o enfoque etnográfico dois conjuntos de pressupostos sobre o comportamento humano de extraordinária relevância para a investigação em educação” (TRIVIÑOS, 1987, p. 122). Vem daí a ideia de contexto, termo amplamente utilizado nas discussões acerca da educação. Os dois pressupostos mencionados pelo autor são os pressupostos ecológico-naturalistas (discorrem sobre a influência do ambiente para os autores) e pressupostos fenomenológico - qualitativos (ressalta a ideia de que o “comportamento humano, muitas vezes, tem mais significados do que os fatos pelos quais ele se manifesta”).

A respeito da fenomenologia na pesquisa qualitativa, tendo como foco a pesquisa educacional, Trivinos (1987) explicita que o seu fenômeno de interesse são os fenômenos educacionais, ou seja, fenômenos sociais. Para tanto, o autor elenca as categorias de que um fenômeno social é constituído, sendo *i*) os atos, *ii*) as atividades, *iii*) os significados, *iv*) a participação, *v*) a relação e *vi*) as situações. Por fim, o autor traz as cinco características propostas por Bogdan para a pesquisa qualitativa: 1ª) A pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como fonte direta dos dados e o pesquisador como instrumento-chave; 2ª) A pesquisa qualitativa é descritiva; 3ª) Os pesquisadores qualitativos estão preocupados com o processo e não simplesmente com os resultados e o produto; 4ª) Os pesquisadores qualitativos tendem a analisar seus dados indutivamente; 5ª) O significado é a preocupação essencial na abordagem qualitativa.

Já Minayo (2009, p. 21) ao discorrer sobre a pesquisa qualitativa, evidencia que ela possui um campo de atuação com questões muito particulares, em que há um nível de realidade que não possa ser quantificado, uma vez que “[...] ela trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes”. Além disso, propõe ainda o que chama de Ciclo de Pesquisa, em que enumera as etapas da pesquisa qualitativa em *i*) fase exploratória, *ii*) trabalho de campo e *iii*) análise e tratamento do material empírico e documental.

Numa pesquisa de abordagem qualitativa, no entendimento de Oliveira *et al.* (2020), o conhecimento produzido não decorre de uma análise puramente descritiva ou explicativa dos dados, pensados de forma isolada e hermética, mas de uma interpretação contextualizada, reflexiva, realizada pelo pesquisador conforme os dados obtidos pelos instrumentos de coleta utilizados e pelos conhecimentos anteriormente produzidos.

Dentre tantas modalidades de pesquisa qualitativa, a história oral tem sido amplamente utilizada para que inúmeras pesquisas sejam encaminhadas nas mais diferentes áreas de produção e sistematização do conhecimento, como na Educação Matemática (GARNICA, 2015, 2010), nas Ciências Humanas (GOMES; SANTANA, 2010) e no campo da Saúde (LEISTER; RIESCO, 2013; VISENTIN; LENARDT, 2010), a fim de ampliar as vozes e dar espaço de fala para sujeitos que na maioria das vezes (ou em todas elas) são colocados à margem das produções acadêmicas. Por mais que a História Oral tenha ganhado cada vez mais espaço nos ambientes acadêmicos e nas pesquisas desenvolvidas por seus sujeitos, ainda se faz necessária a realização de mais estudos que possam não só dar visibilidade às pesquisas que a utilizam como metodologia ou técnica de pesquisa, mas também auxiliie a clarificar para os leitores e leitoras, a melhor conceituação e origem desta abordagem.

Dessa forma, este artigo tem como objetivo realizar um levantamento que oportunize uma imersão a respeito da fonte oral enquanto modalidade de pesquisa e de seus possíveis desdobramentos, principalmente no campo da Educação.

Alicerces da História Oral

Os primeiros registros da cronologia da História Oral versam sobre a sua repulsa pelos historiadores, ainda no século XVII sendo que, após um longo período de dormência, esta ressurge no início do século XX, mais precisamente nos anos de 1920, em Chicago, quando pesquisadores do campo da história voltaram a utilizar essa modalidade em seus cursos e instituições. Com a invenção do gravador portátil, já em 1950, a História Oral teve maior número de adeptos, sendo que os Estados Unidos foi onde a prática ganhou mais força inicialmente. Matos e Senna (2011) apontam que, na Itália, a História Oral foi se difundir só no final da década de 1960, quando a cultura popular foi objetivo de pesquisa dos antropólogos De Martino e Bosio e do sociólogo Ferraoti. Esses são os primeiros documentos em que pesquisadores empregaram a fonte oral não como algo que trazia a complementaridade, mas sim, como uma nova versão aos fatos narrados.

A História Oral e o contexto democrático que ela representa é um desafio, ainda mais quando se pensa na questão de sua instalação em países latino-americanos, como o Brasil, que sofreram ditaduras militares. Nesses lugares, a aceitação da História Oral está intimamente relacionada ao processo de redemocratização (FERREIRA; FERNANDES; ALBERTI, 2000). A trajetória da História Oral no Brasil começou quando bibliotecônomos e cientistas sociais se organizaram a fim de criarem melhores condições estruturais para a pesquisa no campo de Ciências Sociais. Quando anos mais tarde esses profissionais começaram a receber apoio de instituições de fomento, a História Oral passou a despontar entre pesquisadores e desde então novos grupos de pesquisa começaram a surgir. Em 1975 houve então o primeiro curso de pós-graduação em História Oral, fomentado pela parceria estabelecida entre a Fundação Ford e a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES (CASSAB; RUSCHEINSKY, 2004).

Matos e Senna (2011) apontam que memória e imaginação possuem a mesma origem e que, por esse motivo, a ação de *lembrar* e de *inventar* são bastante próximas. Balizando seus apontamentos nos referenciais da mitologia grega, as autoras descrevem que

Le Goff nos lembra que os gregos antigos fizeram da Memória uma deusa (*Mnemosine*), mãe de nove musas inspiradoras das chamadas artes liberais, ente elas a história (*Clio*), a dança (*Terpsícore*), a astronomia (*Urânia*) e a eloquência (*Calíope*). Com base nessa construção, vemos que a história é filha da memória e irmã das musas guardiãs da poesia e dos poetas, responsáveis, no mundo antigo, por eternizar a idade das origens, ressignificando-a (MATOS; SENNA, 2011, p. 96).

Por isso, a memória é entendida atualmente como uma ação em que o passado é reconstruído, uma vez que relembra-lo e sistematizá-lo através do processo de escrita é algo consciente, através de um processo reflexivo sobre acontecimentos experienciados.

Já Meihy (2005) afirma que conceituar a História Oral é uma tarefa complexa tendo em vista que esta sofreu/sofre interferências devido a diversidade de produtos oriundos do desenvolvimento científico e tecnológico que podem ser utilizados na fase de entrevistas (discutidas à posteriori), além de que é uma metodologia dinâmica, impossibilitando então que seja estabelecida uma única definição. De forma geral, o autor aponta que a História Oral “[...] é um recurso moderno usado para a elaboração de documentos, arquivamento, e estudos referentes à experiência social de pessoas e de grupos. Ela é sempre uma história do ‘tempo presente’ e também reconhecida como ‘história viva’” (MEIHY, 2005, p. 17). Já para Moreira e colaboradores (2014), a História Oral é entendida como

[...] uma ciência e arte do indivíduo. Embora diga respeito como a sociologia e antropologia, a padrões culturais, estruturas sociais e processos históricos, visa aprofundá-los em essência, por meio de conversas com pessoas sobre a experiência e a memória individuais e ainda por meio do impacto que estas tiveram na vida de cada uma. Portanto, apesar do trabalho de campo ser importante para todas as ciências sociais, a história oral é por definição impossível sem ele (MOREIRA *et. al.*, 2014, p. 250).

Dessa forma, entende-se que a História Oral é uma maneira de registrar as experiências de vida de pessoas (ou grupos) a fim de preencher lacunas existentes tendo em vista que a formalização e documentação de fatos e acontecimentos são majoritariamente realizados por pessoas que possuem o mesmo ponto de vista ou que representa(va)m exatamente sempre o mesmo grupo de pessoas.

Nesse sentido, Meihy (2005, p. 38) aponta que, no Brasil, a ideia do “politicamente correto” está intimamente ligada a um sentido errôneo de nivelamento sócio-cultural. Dessa forma, grupos importantes são marginalizados (no sentido de serem colocados *à margem*) da produção científico-cultural. É nessa situação que “[...] a História Oral dimensiona o papel das minorias analfabetas, silenciadas, das empregadas domésticas, dos pobres, dos homossexuais, dos exilados, dos anônimos e de tantos grupos ‘marginais’ ou ‘marginalizados’”, uma vez que por meio dessa modalidade de pesquisa esses grupos que anteriormente eram abafados, agora começam a ter possibilidade de relato de narrativas vivenciadas. É nesse contexto que Castelo Branco (2020, p. 09) aponta que “[...] a possibilidade de incluir, no processo de produção de conhecimento, relatos de fontes normalmente esquecidas, ignoradas ou negligenciadas pela história oficial e por levantamentos tradicionais que se orientam a partir de registros escritos” seja uma das grandes vantagens da utilização da História Oral, tendo em vista que é oportunizada uma ampliação das fontes trabalhadas nos registros.

Ainda que no início da utilização da História Oral muitas discussões tenham sido encaminhadas devido às divergências do entendimento dessa abordagem como método, técnica ou teoria, atualmente os estudiosos do tema já estabeleceram um consenso, classificando-a como uma metodologia de pesquisa, tendo em vista que é através desse método que se é possível construir as fontes para o estudo da história contemporânea vivenciada a partir da segunda metade do século XX, graças à invenção do gravador à fita (SILVEIRA, 2011).

A aceitação da utilização da História Oral como metodologia de pesquisa já foi muito discutida tendo em vista que, por ser uma técnica que foca em narrativas pessoais, era vista

com fragilidade devido a sua subjetividade. Isso porque ao narrarmos acontecimentos, é usual que filtremos nossas lembranças, de modo a evidenciar ou a esconder aquilo que seja entendido como significativo. Thompson (1992) aponta que nenhuma fonte está totalmente isenta de subjetividade, independente da modalidade (escrita, oral ou visual), de forma que podem ser insuficientes ou até mesmo manipuladas. Dessa forma, aponta que

Toda fonte histórica derivada da percepção humana é subjetiva, mas apenas a fonte oral permite-nos desafiar essa subjetividade: descolar as camadas de memória, cavar fundo em suas sombras, na expectativa de atingir a verdade oculta. Se assim é, por que não aproveitar essa oportunidade que só nós temos entre os historiadores, e fazer nossos informantes se acomodarem relaxados sobre o divã, e, como psicanalistas, sorver em seus inconscientes, extrair o mais profundo de seus segredos? (THOMPSON, 1992, p. 197).

Atualmente, entende-se a importância dessa modalidade de pesquisa, uma vez que “[...] a fonte oral pode acrescentar uma dimensão viva, trazendo novas perspectivas à historiografia, pois o historiador muitas vezes, necessita de documentos variados, não apenas os escritos” (MATOS; SENNA, 2011, p. 96). É nesse sentido, que a fonte oral não é apenas uma memória particular do sujeito entrevistado, mas sim, é a lembrança de um indivíduo inserido em um contexto social, que vivenciou fatos, acontecimentos que marcaram sua trajetória.

Meihy (2005) salienta que a História Oral pode-se ser encaminhada através de três modalidades distintas de narrativas, a saber: *i*) de celebração e homenagem (com o intuito de promover o reconhecimento de um indivíduo), *ii*) de esclarecimento, explicação ou confissão (uma vez que a documentação escrita a que se tem acesso não expressam com nitidez as informações sobre pessoas, acontecimentos e temas) e *iii*) de acusação e contestação. Ainda que existam essas três modalidades as quais a História Oral pode ser dividida é interessante primeiro ter noções sólidas do que pode ser classificado (ou não) como História Oral.

O que é e o que não é História Oral?

É importante ter em mente que nem tudo que é expresso através da oralidade é tido como História Oral. Alguns exemplos em que isso pode ser ilustrado é que cartas, discursos políticos e declamações de poesias não são entendidas como História Oral. Nesse sentido, é preciso diferenciar termos importantes para essa discussão como História Oral, Oralidade e Fontes Oraís. De acordo com o Dicionário Aurélio Online o significado do termo *oralidade* refere-se à “característica ou condição do que é oral, do que é falado. [Linguística]

Procedimento que só se faz verbalmente; em oposição ao escrito”. Em contrapartida, as fontes orais são definidas como “[...] diversas manifestações sonoras, gravadas, decorrentes da voz humana e que se destinam a algum tipo de registro passível de arquivamento ou de estudos” (MEIHY, 2005, p. 21). Dessa forma, as fontes orais são passos seguintes dos documentos orais, que nada mais são do que qualquer recurso utilizado para registrar e arquivar as manifestações da oralidade.

Ante ao exposto, cabe-se dizer então que a História Oral é um procedimento que ocorre diante de muito planejamento e programação, tendo em vista que é resultante de entrevistas devidamente apontadas e indicadas em projetos, como os de pesquisa, que tem o intuito de alcançar objetivos específicos.

4. O caminho metodológico da História Oral

De acordo com Meihy (2005) as etapas existentes na pesquisa realizada balizada pela História Oral podem ser divididas em quatro fases, a saber, *i*) elaboração do projeto, *ii*) gravação; *iii*) confecção do documento escrito e *iv*) eventual análise. Na maioria das vezes, pode-se surgir uma quinta etapa, chamada de devolução do produto.

A etapa de elaboração do projeto é necessária, pois é nesse momento em que é definido pontos importantes, como decidir se o objetivo do projeto é realizar a criação de um banco de dados ou de uma pesquisa. Isso é importante, pois é a partir dessa informação que os passos seguintes serão norteados. Se a ideia é construir um banco de dados, é preciso pensar se haverá a transcrição literal da entrevista realizada ou se haverá as chamadas “transcrições”. No caso do banco de dados, o documento será a própria fita (ou o material onde a entrevista será registrada) mas se a ideia é a realização de uma pesquisa, a entrevista será transcrita e o documento é o próprio texto escrito.

A segunda etapa é destinada ao instante da gravação da entrevista. É importante que o entrevistador compreenda a importância dessa etapa, pois é através dela que o processo inicial se materializa. O terceiro momento, a confecção do documento escrito, segue a decisão tomada ao planejar o projeto, em que o entrevistador faz a transcrição literal da narrativa do entrevistado ou se emprega a transcrição. A análise do documento oriundo da entrevista é a quarta etapa da pesquisa com História Oral. Sobre esta fase, Meihy (2005) aponta que

[...] pode ou não fazer parte do projeto. Há grupos que só aceitam a história oral quando esta se mostra, depois de escrita, analisada. Este posicionamento, contudo, exige a realização das etapas anteriores. Quando fizer parte do projeto, recomenda-se levar a análise a cabo só

depois de todo o processo de transcrição e estabelecimento final do texto. Outros, contrariamente, entendem que a produção do texto escrito e o exame da entrevista podem ou não ocorrer, não sendo raros os que consideram que só a confecção do documento é tarefa suficiente para cumprir os ideais da história oral (MEIHY, 2005, p. 108).

Por fim, a quinta etapa se destina à finalização do projeto, que ocorre com o retorno à comunidade que motivou sua realização por parte do entrevistador. É este retorno que é visto como compromisso da História Oral uma vez que, ao assegurar a formulação de políticas públicas, deve-se ter esse retorno garantido.

A dependência dos recursos eletrônicos é um dos pontos positivos da História Oral. Isso se deve ao fato de que gravadores mais modernos, computadores e softwares, têm contribuído bastante nas diversas etapas que compõem o procedimento, como para a coleta de dados, transcrição de textos e arquivamento dos documentos, sendo que a modernidade da História Oral é vista com grande utilização dos aparatos tecnológicos. No entanto, ainda que os dispositivos tecnológicos contribuam bastante na técnica é importante ressaltar que “[...] o que deve ficar claro, porém, é que a história oral não se faz sem a participação humana direta, sem o contato pessoal. A eletrônica, por mais importante que seja, é um meio, jamais um fim” (MEIHY, 2005, p. 33).

As entrevistas estabelecidas entre pesquisador e sujeito entrevistado na técnica da História Oral são amplamente discutidas (ALBERTI, 2005; MAIA, 2005; MOURA; ROCHA, 2017) evidenciando não só as narrativas dos sujeitos entrevistados, mas também a fim de se apresentar o processo da entrevista propriamente dita, desde seu planejamento até seu momento posterior. A respeito desse momento específico da entrevista, Meihy (2005) aponta que ele implica uma série de fatores que precisam ser estabelecidos previamente pelo entrevistador, como se terão estímulos ou se o entrevistador não fará qualquer tipo de interferência, se acontecerá em um único momento ou se será retomada com certa frequência, a forma utilizada para a gravação da narrativa do entrevistado, bem como o tempo destinado a elas, o espaço em que eles ocorrerão, dentre tantas outras questões que precisam ser muito bem esquematizadas.

Além de todos esses pontos destacados, Meihy (2005) aponta um fator decisivo na qualidade do projeto explicitado como “quem entrevista quem”. Segundo o autor, algumas relações estabelecidas entre entrevistador e sujeito entrevistado podem acabar interferindo na qualidade da narrativa. Por exemplo, é preciso avaliar previamente se para a questão abordada

um homem entrevistar uma mulher (ou o contrário) pode causar algum desconforto para o entrevistado, ou ainda se as idades devem (ou não) se equivaler. Outro apontamento é posto por Meihy (2005, p. 111) ao lembrar que “[...] no caso de situações étnicas, por exemplo, que consequências teria o fato de um branco entrevistar um negro sobre suas circunstâncias raciais?”.

Thompson (1992, p. 254) afirma que “[...] ser bem sucedido ao entrevistar exige habilidade”, isso porque existem inúmeros estilos de se entrevistar – desde uma conversa amigável até a maneira mais formal e controlada de se questionar – e é com a experiência que o entrevistador conseguirá passear entre todos esses estilos a fim de se identificar e utilizar o melhor método possível para uma determinada situação.

Algumas qualidades são intrínsecas ao bom entrevistador como demonstrar interesse e respeito pelos demais, além de flexibilidade nas reações; capacidade de demonstrar compreensão e simpatia pela opinião do entrevistado e, talvez o mais importante, ter disposição para saber escutar, pois a narrativa de interesse é a do entrevistado e não do entrevistador. Sobre este último ponto, Thompson (1992, p. 254) afirma que “[...] quem não consegue parar de falar, nem resistir à tentação de discordar do informante, ou de lhe impor suas próprias ideias, irá obter informações que, ou são inúteis, ou positivamente enganosas”. Diversos pontos são delineados pelo autor a fim de que a entrevista seja entendida pelo pesquisador como um momento de importância extrema e que, a forma como ele age nela e também após ela, influencia totalmente nas narrativas obtidas.

Silveira (2011) realiza alguns apontamentos que são bastante válidos para orientar o pesquisador na etapa de realização das entrevistas. Dentre as alegações, o autor chama a atenção para o fato de que é importante que o entrevistador tenha clareza de que não existe a possibilidade de neutralidade no processo desde a escolha da entrevista até qualquer outro instrumento de coleta de dados ou fontes. Além disso, é preciso que tenha ciência de que não existe nenhum método ou técnica que seja capaz de captar integralmente o problema em estudo, como também saber que as conclusões são provisórias e por isso, passíveis de aprofundamentos e revisões por parte de outros pesquisadores. Sobre a entrevista o autor complementa ainda que é parte integrativa de um objeto de estudo mais amplo e não apenas uma técnica de coleta de dados.

O tempo destinado à entrevista também é uma questão comentada por Silveira (2011) ao lembrar que é necessário ter um período relativamente longo para esta ação e que ela deve ser acompanhada por um diário de campo, para que o entrevistador anote reações que

gravadores de som, por exemplo, não podem captar. Outra sugestão indicada é que o entrevistador vá ao encontro munido de elementos que auxiliem na construção da narrativa do entrevistado, como fotografias, recortes de jornais e fatos específicos encontrados por ele nos estudos que antecederam a etapa da entrevista. A organização de fichas é sugerida também como forma de se orientar o acervo. Nessas fichas alguns dados são indispensáveis como nome, idade, profissão e religião do entrevistado, local e data em que a entrevista foi realizada, por exemplo são informações importantes.

Por último, mas não menos importante, assim como em tantas outras modalidades de pesquisa, se faz necessário a utilização do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) a fim de que o entrevistado esteja ciente de alguns pontos (como finalidade da pesquisa, se a pesquisa oferece riscos ao informante, se há a permissão (ou não) para divulgação da identidade do entrevistado) bem como para a segurança do entrevistador.

Estilos de Pesquisa Oral

Na utilização da História Oral como modalidade de pesquisa, são observados que os planos de ação podem ter quatro estruturas que se diferenciam entre si, uma vez que possuem particularidades quanto à forma em que cada uma se desenvolve. Maiores detalhes são evidenciados de acordo com as informações apresentadas no Quadro 1.

Quadro 1: Particularidades dos quatro estilos estabelecidos para a realização da pesquisa no âmbito da História Oral, segundo Matos e Senna (2001).

| ESTILO | OBJETIVO | AÇÃO |
|--------------------------|---|--|
| Arquivo | Apoio ao trabalho futuro de historiadores. | Recolher testemunhos orais, criar, organizar e arquivar esse tipo de material elaborado. |
| Difusor Populista | Promover a divulgação da história através de outras fontes que não as oficiais. | Construção de acervos orais, sem promover aprofundamento dos conhecimentos sistematizados. |
| Reducionista | Utilização da evidência oral apenas como complemento. | Utilização dos registros orais apenas como segundo plano, não assumindo centralidade no discurso do pesquisador. |
| Analista completo | Completude da utilização da História Oral | História Oral como método particular possível de estabelecer relações entre os indivíduos entrevistador-entrevista, com maior qualidade e riqueza de detalhes. |

Fonte: Autoria própria conforme ideias expressas por Matos e Senna (2011).

Já Meihy (2002) pontua a História Oral diferenciando-a a partir de três tipos, a saber *i*) História Oral de Vida; *ii*) História Oral temática e *iii*) Tradição Oral. Para o autor, A História Oral de Vida possibilita que o entrevistado tenha maior liberdade para desvelar ao entrevistador suas experiências pessoais, de forma que a narrativa é organizada de acordo com a maneira que ele mesmo se sinta o mais confortável possível. Assim, é um processo reflexivo estabelecido pelo entrevistado, a respeito da sua própria trajetória de vida. Castelo Branco (2020) aponta a importância de realizar apontamentos a fim de evidenciar as diferenças entre a História Oral de Vida da biografia e da autobiografia uma vez que “na primeira, são ressaltados aspectos marcantes da existência de um indivíduo sobre quem se decidiu escrever e, no segundo caso, não há sequer a presença e atuação do pesquisador como participantes necessário do processo” (p. 12).

A História Oral Temática tem o objetivo de realizar o levantamento da narrativa de um entrevistado sobre o seu entendimento e suas reflexões a respeito de um determinado evento ocorrido. Vale ressaltar que, por se interessar sobre um acontecimento preestabelecido, não quer dizer que as vivências do entrevistado não aparecerão durante os seus relatos, mas sim isso acontecerá à medida que o acontecimento em estudo se relaciona, interfere e influencia nas memórias do sujeito que constrói a narrativa ao entrevistador. Por fim, a Tradição Oral tem o objetivo de buscar a visão de mundo de comunidades que possuem valores específicos e tradições próprias ligadas à cultura de seus povos. Maiores informações sobre os três tipos de História Oral propostos são apresentados no Quadro 2.

Quadro 2: Particularidades dos três tipos de História Oral propostos por Castelo Branco (2020).

| | | |
|------------------------------|-------------------------------|----------------------|
| História Oral de Vida | História Oral Temática | Tradição Oral |
|------------------------------|-------------------------------|----------------------|

| | | |
|--|--|--|
| <ul style="list-style-type: none"> - Sujeito primordial: depoente (narrador). - Valorização do relato ou da versão apresentada pelo narrador. - A entrevista é realizada com base em tópicos ou perguntas amplas, de forma a permitir a abordagem de experiências pessoais do entrevistado, segundo a sua vontade. - O pesquisador/entrevistador não contesta a narrativa. | <ul style="list-style-type: none"> - A atuação do pesquisador/entrevistador é mais explícita e fica evidenciada na pesquisa. - O pesquisador tem um papel ativo, inclusive sendo a ele possibilitada a contestação. - A entrevista é utilizada pelo pesquisador mais como um documento para a busca de esclarecimentos acerca de uma temática central, previamente selecionada. - Centra-se em um assunto específico e preestabelecido, objetivando-se narrativa do entrevistado vinculada a esse acontecimento. - Detalhes da vida pessoal do narrador adquirem interesse apenas se vinculados à temática central. | <ul style="list-style-type: none"> - Tem como ênfase a visão de mundo de comunidades que têm valores filtrados por estruturas mentais asseguradas em referências do passado remoto. - Perpassa questões que se manifestam pelo folclore e pela transmissão geracional. - A narrativa do entrevistado adquire caráter mais coletivo que individual. - A entrevista deve ser realizada com pessoas que sejam depositárias das tradições de tribos, comunidades, clãs ou outros grupos. |
|--|--|--|

Fonte: Castelo Branco (2020).

Ainda que diversos tipos da modalidade de História Oral possam ser utilizados, todos eles têm em comum a necessidade e o objetivo de evidenciar outros lados de vivências e acontecimentos históricos através das narrativas dos sujeitos entrevistados.

Considerações Finais

Este artigo teve como objetivo realizar um levantamento de grandes estudos já encontrados na literatura que versam sobre a modalidade de pesquisa da História Oral, não tendo como intuito promover novas discussões sobre a sua utilização (ou não), mas sim de demonstrar que já existem grandes relatos que evidenciam o caráter significativo e necessário da História Oral, a fim de ecoar a voz de grupos que nem sempre são representados.

A História Oral apesar de já ter sido alvo de grandes questionamentos sobre sua utilização na produção e sistematização do conhecimento científico-acadêmico, hoje já é vista como metodologia que possui um amplo potencial. Esta modalidade de pesquisa de caráter multidisciplinar, tem conquistado no Brasil – mesmo com uma relativa demora para começar a ser difundida e utilizada – inúmeros defensores, que a colocam como uma importante

vertente de pesquisa, ainda mais ao se pensar na pluralidade e no multiculturalismo que nosso país apresenta. A História Oral tem possibilitado que grupos até então pouco (ou nada) representados, como índios, negros, LGBTQIAP+, comecem a ser cada vez mais inseridos como sujeitos partícipes das produções e pesquisas, através de suas narrativas. É através da História Oral, como método e atividade de campo, que a trajetória dos indivíduos e grupos marginalizados começa a serem ouvidos, além de evidenciar as particularidades de grupos específicos da sociedade, mostrando histórias que merecem e precisam ser ouvidas e, mais do que isso, respeitadas.

Obviamente, ainda há um longo caminho a ser percorrido na difusão e utilização da História Oral como modalidade de pesquisa, a fim de ampliar cada vez mais as discussões sobre pontos delicados e que levam a visualizarem a prática com demérito, por exemplo, na questão da subjetividade, também abordada neste presente texto.

REFERÊNCIAS

- ALBERTI, V. Tratamento das entrevistas de história oral no CPDOC. **VI Congresso de Arquivologia do Mercosul**, p. 1–11, 2005.
- CASSAB, L. A.; RUSCHEINSKY, A. Indivíduo e ambiente: a metodologia de pesquisa da história oral. **Biblos**, v. 16, p. 7–24, 2004.
- CASTELO BRANCO, S. História Oral: reflexões sobre aplicações e implicações. **Revista Novos Rumos Sociológicos**, v. 8, n. 13, p. 8–27, 2020.
- CRESWELL, J. W. **Projeto de Pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. Porto Alegre, RS: Artmed, 2007.
- FERREIRA, M. M.; FERNANDES, T. M.; ALBERTI, V. **História oral: desafios para o século XXI**. Rio de Janeiro, RJ: Editora Fiocruz, 2000.
- FLICK, U. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. Porto Alegre, RS: Bookman, 2004.
- GARNICA, A. História oral em educação matemática: um panorama sobre pressupostos e exercícios de pesquisa. **História Oral**, v. 18, n. 2, p. 35–53–53, 2015.
- GARNICA, A. V. M. Registrar oralidades, analisar narrativas: sobre pressupostos da História Oral em Educação Matemática. **Ciências Humanas e Sociais em Revista**, p. 29–42, 2010.
- GOMES, A. F.; SANTANA, W. G. P. A história oral na análise organizacional: a possível e promissora conversa entre a história e a administração. **Cadernos EBAPE.BR**, v. 8, n. 1, p. 1–18, 2010.
- LEISTER, N.; RIESCO, M. L. G. Assistência ao parto: História oral de mulheres que deram à luz nas décadas de 1940 a 1980. **Texto e Contexto Enfermagem**, v. 22, n. 1, p. 166–174,

2013.

MAIA, M. R. A História Oral como recurso metodológico na entrevista jornalística. **Contracampo**, p. 137–150, 2005.

MATOS, J.; SENNA, A. História oral como fonte: problemas e métodos. **Historiae**, v. 2, n. 1, p. 95–108, 2011.

MEIHY, J. C. S. B. **Manual De Historia Oral**. São Paulo, SP: Edições Loyola, 2005.

MINAYO, M. C. DE S. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

MOREIRA, A.; BARBOSA, L. M. A.; DA CUNHA, S. C. História oral como método de pesquisa: possibilidades para a pesquisa em Enfermagem. **Enfermagem Brasil**, v. 13, n. 4, p. 249, 2014.

MOURA, F. A.; ROCHA, L. L. F. Memória e história : entrevista como procedimento de pesquisa em Comunicação. **Revista Comunicação Midiática**, v. 12, n. 2, p. 161–175, 2017.

OLIVEIRA, G. S.; CUNHA, A. M. O.; CORDEIRO, E. M.; SAAD, N. S. Grupo Focal: uma técnica de coleta de dados numa investigação qualitativa?. In: **Cadernos da Fucamp**, UNIFUCAMP, v.19, n.41, p.1-13, Monte Carmelo, MG, 2020.

SILVEIRA, É. S. História Oral e memória: pensando um perfil de historiador etnográfico. **Métis: história & cultura**, v. 6, n. 12, p. 35–44, 2011.

THOMPSON, P. **A Voz do Passado**. Rio de Janeiro, RJ. Paz e Terra, 1992.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais: a Pesquisa Qualitativa em Educação – O Positivismo, A Fenomenologia, O Marxismo**. São Paulo, SP: Atlas, 1987.

VISENTIN, A.; LENARDT, M. H. O itinerário terapêutico: história oral de idosos com câncer. **Acta Paulista de Enfermagem**, v. 23, n. 4, p. 486–492, 2010.



Esta obra está licenciada sob uma [Licença Creative Commons Attribution 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)